

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**



Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
l62	Investigação científica nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-392-7 DOI 10.22533/at.ed.927191306 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas -Parte 2” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares.

Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FICÇÃO - FERRAMENTA DO PENSAMENTO	
Marcus Fabio Galvão Facine	
DOI 10.22533/at.ed.9271913061	
CAPÍTULO 2	8
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTÍMULOS PARA O SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO	
Isabela Censi	
Gabriella Rossetti Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913062	
CAPÍTULO 3	16
FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL: ANÁLISE DE SITES E BLOGS	
Martha Benevides da Costa	
Rafael Santiago de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9271913063	
CAPÍTULO 4	28
HARRIET MARTINEAU, ALÉM DE SEU TEMPO	
Vitória Rodrigues Rocha Milioni	
Kevin Gustavo Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913064	
CAPÍTULO 5	39
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA	
Lucas de Oliveira Cheque	
DOI 10.22533/at.ed.9271913065	
CAPÍTULO 6	50
IDENTIDADE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA CATEGORIA IDENTIDADE NOS TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTADOS NOS GT'S 03 E 23 DA ANPED NO PERÍODO DE 2003 A 2015	
Breno Alves dos Santos Blundi	
Maria Denise Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.9271913066	
CAPÍTULO 7	61
INOVAÇÃO NAS AULAS DE MATEMÁTICA: O USO DE MANGÁS NO ENSINO DE ANÁLISE COMBINATÓRIA	
Luis Felipe Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913067	

CAPÍTULO 8	68
LA VALORIZACIÓN DE LOS SABERES DE LA CULTURA DEL BUTIÁ EN SANTA VITÓRIA DO PALMAR (RS), BRASIL	
Bibiana Schiavini Gonçalves Toniazzo Laura Bibiana Boada Bilhalva	
DOI 10.22533/at.ed.9271913068	
CAPÍTULO 9	77
LÉXICO TABU E LA CASA DE PAPEL: OBSERVAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO PAR LINGUÍSTICO ESPANHOL-INGLÊS	
Denise Bordin da Silva Antônio Melissa Alves Baffi-Bonvino	
DOI 10.22533/at.ed.9271913069	
CAPÍTULO 10	89
MÃE SOCIAL: UM MODO DE EDUCAR ENTRE A VULNERABILIDADE E O ACOLHIMENTO	
Bruno da Silva Souza Romualdo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.92719130610	
CAPÍTULO 11	98
MONITORAMENTO DA GESTÃO ORÇAMENTÁRIA E FINANCEIRA MUNICIPAL SOB A PERSPECTIVA SINDICAL	
Nayla Karoline Demilio Perez Brássica	
DOI 10.22533/at.ed.92719130611	
CAPÍTULO 12	114
NO PRESENTE O PASSADO REVELA-SE MAIS PRESENTE: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE CASTIGOS ESCOLARES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 EM SERRINHA-BA	
Angélica Silva Santos Selma Barros Daltro de Castro Ivonete Barreto Amorim Solange Mary Moreira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92719130612	
CAPÍTULO 13	120
NÚCLEO DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: CONSTRUINDO PERCEPÇÕES POSSÍVEIS SOBRE A INSERÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNDO DO TRABALHO	
Sibila Luft Ana Paula Parise Malavolta Clairton Basin Pivoto	
DOI 10.22533/at.ed.92719130613	
CAPÍTULO 14	130
UMA EXPERIÊNCIA DE CURSINHO POPULAR: ENTRE IMPLICAÇÕES E DESLOCAMENTOS	
Leonardo Paes Niero Romualdo Dias André Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92719130614	

CAPÍTULO 15	142
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA FCT/UNESP: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA E PRODUÇÕES	
Jefferson Martins Costa Vanda Moreira Machado Lima Guilherme dos Santos Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.92719130615	
CAPÍTULO 16	153
TERMÔMETRO MUNICIPAL: INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO PARA O MUNICÍPIO DE SANTIAGO/RS	
Kamila Lazzeri Manzoni Francine Minuzzi Gorski Lucas Urach Sudati Lucineide de Fátima Marian Tiago Gorski Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.92719130616	
CAPÍTULO 17	164
O EQUILÍBRIO DE PODER EM “A POLÍTICA DE PODER” DE MARTIN WIGHT: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A ESCOLA INGLESA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	
Theo Peixoto Scudellari Rafael Salatini de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.92719130617	
CAPÍTULO 18	176
ARTE E TECNOLOGIA – APLICAÇÃO DE ARDUINO NA MONTAGEM DE UM MONITOR 3D “CUBE LED” (CUBO DE DIODO EMISSOR DE LUZ)	
Rodolfo Nucci Porsani Luiz Antonio Vasques Hellmeister Augusto Seolin Jurisato	
DOI 10.22533/at.ed.92719130618	
CAPÍTULO 19	188
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CASO DO PARQUE ECOLÓGICO NELSON BUGALHO (PRESIDENTE PRUDENTE – SP)	
Patrícia Cereda de Azevedo Eda Maria Góes	
DOI 10.22533/at.ed.92719130619	
CAPÍTULO 20	200
O LEVIATÃ NO SÉCULO XXI: UM ESTUDO A PARTIR DE HOBBS DO “USA PATRIOT ACT”	
Luís Felipe Mendes Felício	
DOI 10.22533/at.ed.92719130620	
CAPÍTULO 21	211
O RE-APRENDIZADO DE PESSOAS DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA FASE ADULTA NOS ESPAÇOS SOCIAIS	
Simone Aires da Silva Rúbia Emmel	
DOI 10.22533/at.ed.92719130621	

CAPÍTULO 22 223

O RETORNO DO INTERNAMENTO DOS INDIVÍDUOS DESVIANTES NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA POBREZA E DA LOUCURA

Letícia Lafelix Minari

Hélio Rebello Cardoso Júnior

DOI 10.22533/at.ed.92719130622

SOBRE A ORGANIZADORA..... 235

NO PRESENTE O PASSADO REVELA-SE MAIS PRESENTE: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE CASTIGOS ESCOLARES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 EM SERRINHA-BA

Angélica silva santos

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
Serrinha – Bahia

Selma Barros Daltro de Castro

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
Serrinha – Bahia

Ivonete Barreto Amorim

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
Serrinha – Bahia

Solange Mary Moreira Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana- Bahia

RESUMO: Na história da educação no Brasil, os castigos escolares costumavam ocupar um lugar de destaque na condução dos processos educativos dos estudantes. Tais castigos se inseriam na proposta de um sistema disciplinar punitivo, criando uma cultura específica para a escola brasileira. Nesse sentido, este trabalho objetivou: a) analisar as práticas disciplinares vivenciadas no âmbito escolar a partir da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em uma escola pública da cidade de Serrinha-BA; e b) explicitar os sentimentos de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em relação às práticas de castigos escolares. A metodologia, de base qualitativa, inspirou-se na história oral, utilizando a entrevista narrativa

temática como dispositivo de coleta de dados. Os resultados evidenciaram que as práticas dos castigos fizeram parte do cenário educativo como ação pedagógica e geraram sentimentos de medo, ansiedade, raiva, dor e até mesmo indiferença por parte dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura escolar; Práticas disciplinares; Punições; Castigos escolares.

1 | INTRODUÇÃO

A escola é um lugar estruturado por regras, processos, normas, práticas, concepções e ações que constituem uma cultura própria, a qual não se repete nem se mantém neutra em relação à sociedade. Assim, segundo Julia (2012), é possível conceber uma escola a partir de um conjunto de normas e práticas que determinam conhecimentos e comportamentos a serem transmitidos e incorporados, os quais correspondem a finalidades de um determinado tempo, ainda que possam vir a variar.

Quando relacionado à escola, o estudo pode seguir vertentes variadas de pesquisas, de modo a compreender e entender seus processos, buscando investigar sua cultura e suas práticas difundidas em seu espaço (FARIA FILHO, 2004). Vale investigar tanto o seu interior quanto os seus sujeitos, ações e reações, envolvendo os contextos histórico,

social e econômico presentes.

Numa análise da tradição pedagógica no Brasil, Aranha (1996) ressalta que, apesar da forte tentativa de implantação do tecnicismo no país, muitos professores permaneciam nas escolas, imbuídos de uma mistura de ideias e tendências pedagógicas. Assim, na linha tradicionalista, cujo centro do processo de ensino era o professor, atribuía-se a este a função de vigiar, ensinar, corrigir erros e – se necessário – punir, pois essa linha pedagógica estava atrelada a uma proposta educacional pertencente a um sistema disciplinar punitivo e vigilante, o qual caracterizou, por muito tempo, o contexto da cultura escolar no Brasil.

Desse modo, o estudo a partir da cultura escolar permite a compreensão de acontecimentos, normas, leis e práticas que construíram e modificaram a instituição e a educação escolar durante um processo marcado por avanços e retrocessos. Nesse sentido, o artigo dedicou-se ao estudo do funcionamento das práticas disciplinares vivenciadas numa escola pública do município de Serrinha, localizado no interior da Bahia, através da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990, abordando características típicas de um ensino tradicionalista. O trabalho objetivou: a) analisar as práticas disciplinares vivenciadas no âmbito escolar a partir da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em uma escola pública da cidade de Serrinha; e b) explicitar os sentimentos de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em relação às práticas de castigos escolares.

A pesquisa foi desenvolvida tomando como referência a linha História da educação, formação docente, currículo: novos contextos de aprendizagem, do grupo de pesquisa Educação Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Educação, Campus XI/Serrinha, e aqui se apresenta organizada em: Procedimentos metodológicos; A construção da disciplina como prática da cultura escolar; Escola, castigos e sentimentos que se evidenciam; e Considerações finais.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Franco (1996), Serrinha foi um município que se desenvolveu economicamente com base na agropecuária; assim, a agricultura tornou-se fonte de sustento para muitas famílias do município. As plantações de feijão, milho e mandioca compõem a base da cultura familiar de subsistência na cidade, sendo, desse modo, “de pequena produção para o comércio” (FRANCO, 1996, p. 177).

Houve um crescimento demográfico significativo entre os anos de 1970 a 1991. Segundo Santos (2006), o aumento da população jovem demandava a ampliação da quantidade de escolas para o atendimento dessa faixa etária. Diante disso, o município realizou várias obras na década de 1980, muitas delas voltadas para a educação, erigindo novas escolas na sede e na zona rural, o que possivelmente ocasionou a construção de espaços educativos com poucas salas de aula (FRANCO, 1996).

Esta pesquisa se constituiu de cunho qualitativo, com inspiração em elementos da história oral, isto porque permitiu uma imersão na memória, sobretudo naquelas acerca da escola e de seu cotidiano, ambos pertencentes a um contexto complexo de relações, ações, significações e sentimentos, envolvendo cultura, sujeitos e tempos, uma vez que “a história oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos” (ARAGÃO; TIMM; KREUTZ, 2013, p. 30). Optou-se pela entrevista narrativa temática como dispositivo de coleta de dados, aplicada a três colaboradoras – Aline, Vanessa e Valéria (nomes fictícios) –, todas estudantes egressas de uma mesma escola municipal da cidade. As ex-alunas frequentaram a escola nos anos 1980/1990 e vivenciaram práticas de castigos dentro do ambiente escolar.

3 | A CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA COMO PRÁTICA DA CULTURA ESCOLAR

O termo disciplina é entendido como um sistema que tem o domínio sobre o corpo, tornando-o mais eficaz e rápido como se determina, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1999). Tal organização disciplinar do ensino tornou possível o trabalho simultâneo e a economia do tempo para o ensino, com lugares e horários definidos, pouca ou nenhuma explicação, o silêncio total que seria interrompido apenas por sinos, gestos e olhares. O professor já não necessitava dedicar tempo para o atendimento individualizado; a escola passou a ser uma máquina de ensinar, vigiar e classificar de forma hierárquica seus alunos.

De acordo com Skinner (2003), a punição é uma técnica de controle do comportamento na qual o castigo surge diante da conduta indesejada, visando à sua imediata extinção. Assim, enquanto a disciplina possui a função de reduzir e prevenir desvios, a punição objetiva, em sua essência, ser um modo corretivo que ocorre diante da falha e dos desvios cometidos.

Reconstruir práticas e representações acerca dos castigos escolares, “é caminhar por um solo ainda quente” (ARAGÃO; FREITAS, 2012 p. 19). Essa temática envolve conflitos – entre ações e representações, práticas e estratégias – que permanecem nas lembranças e nos sentimentos de muitos indivíduos em relação ao que foi vivido ou presenciado na escola. De tal modo, é necessário considerar os elementos diversos que compõem essa esfera, a exemplo do período, do espaço, das práticas e das representações, perpassando as tensões entre táticas e estratégias, principalmente quando se trata de castigos como meio para educar e disciplinar pessoas.

A palmatória e os castigos corporais pareciam permanecer dentro de uma naturalização na escola, ainda que relacionados a uma experiência dolorosa; o uso desses instrumentos não era questionado, mas justificado, tanto pelo julgamento de falta de dedicação aos estudos quanto pela não aprendizagem ou ainda pelo mau comportamento dos alunos.

Eu levei um bocado de palmatória que eu briguei [...]. Botava no milho, botava, aí

quem aprontava demais, aí se você aprontava, brigava, como é... Palmatorada... E era assim, tinha uma dúzia, meia dúzia, quanto mais o castigo... Aprontava mais era a dúzia, vinte... Duas dúzias de vez, teve gente que ficou com a mão.... Teve uma vez que uma amiga ficou com a mão ardendo. (Vanessa).

Sob a mesma ótica, Valéria relata: *“eu tenho uma lembrança que às vezes botava ajoelhado no carço de milho, botava, eu lembro que z. C. Ficou uma vez... Aprontava demais”*. Assim, o castigo se justificava pela falta cometida pelo aluno; seu comportamento determinava a intensidade do castigo: quanto maior fosse considerada a falta, maior era a punição recebida.

De acordo com Aragão e Freitas (2012, p. 32) “castigava-se as crianças de ontem para civilizá-la [...]. A criança era um ‘vir-a-ser’, um projeto, o futuro”. Assim, esse método era visto como um meio para se conquistar a educação do ser socialmente disciplinado e ao mesmo tempo como instrumento para promoção da aprendizagem, como afirma Aline: *“Outra vez você ficava lá... Eu me lembro dessa pessoa que tomou a palmatória, essa pessoa não acertava, tentava, e tomava a palmatória porque não sabia a letra”*.

Nesse sentido, os castigos foram usados como estímulo ao aprendizado e forma de disciplinamento dentro de muitas escolas. Tal prática perpetuou-se por muito tempo, constituindo parte da cultura escolar.

4 | ESCOLA, CASTIGOS E SENTIMENTOS QUE SE EVIDENCIAM

Quando se analisa a autoridade que se relaciona e/ou se sustenta pelo castigo, nota-se uma relação construída histórica e culturalmente, pois a crença de que os castigos conduziam à educação fazia parte do processo. Desse modo, de acordo com Neves (2011), os castigos não desapareceram do âmbito escolar em sua totalidade, muito embora tenham perdido boa parte de sua força com o passar dos anos.

Os castigos vinham se evidenciando também numa “versão próxima do que Bourdieu classificou como *violência simbólica*, traduzindo-se em situações como: ansiedade, medo e tensão provocados pelo professor ou professora” (NEVES, 2011, p. 2, grifo da autora). Assim, poderíamos elencar diversos tipos de castigos, a exemplo das retenções ao banheiro e/ou recreio, da exposição da falha em coletivo e das ameaças de conservação do aluno na série.

Uma das colaboradoras revelou, em sua narrativa, o sentimento que a sala de aula lhe trazia:

Aí eu chegava e a sala era grandona e aí eu não sei... Eu via aquela salona cheia de cadeira e quando eu entrava dava aquele... Um ambiente de medo, não era aquele ambiente que era um lugar bom não, chegava na sala era aquele ambiente de medo na sala, assim, cê sentava assim, era aquele negócio de medo mesmo. (Aline).

Desse modo, o medo e a ansiedade são evocados diante de uso da punição, pois, como afirma Skinner (2003), são sentimentos que se caracterizam como efeitos de um estímulo aversivo. O medo humano é um estado emocional de alerta que pode surgir diante de um procedimento de controle, geralmente ligado a estímulos aversivos usados na punição; essa resposta tende a se manifestar sempre que houver o contato do sujeito com uma situação igual ou parecida, e o mesmo ocorre quando esse estímulo controlador é originado a partir de um agente.

Aline relatou uma situação que presenciou na escola, na qual ela descreve a intensidade do medo de um de seus colegas diante da ameaça de castigo a partir da palmatória:

Quando falou que quem não fizesse que ia levar palmatória que só viu o mijo assim ó. Na sala, que a sala parecia ser meio descambada, eu lembro, foi alguma coisa assim que eu fiquei assim impressionada de ver aquele mijo assim. Todo mundo dizendo “eta mijô, mijô, mijô”. Foi só de medo de tomar palmatória. (Aline).

As ameaças de castigo na escola promoviam principalmente o medo; tal fato torna explícita a ideia de que a prática do castigo físico na escola estava principalmente ligada a uma metodologia que não se resumia em apenas punir pelo erro, mas introduzir no grupo a percepção de que a qualquer momento alguém poderia ser castigado. De acordo com Skinner (2003), o medo é um padrão emocional que se vislumbra não apenas de modo abstrato no sujeito, uma vez que as respostas originadas a partir do medo tendem a modificar o comportamento do indivíduo, podendo, assim, ser demonstrado através de atitudes que possam promover um enfraquecimento ou uma forma de fuga da situação.

Compreende-se que a autoridade se constrói diante de relações sociais que estabelecem um jogo de poder e hierarquia, ainda que entre tais relações o poder não possa ser algo palpável – em geral, alguém tem autoridade quando suas ordens, enunciados e saberes são considerados verdadeiros por quem os obedece. O poder se torna ainda mais evidente no sistema disciplinar, pois traz um modo próprio de controle; assim, a punição enquanto técnica desempenha o papel de manipular e corrigir ações, com o intuito de promover a manutenção do sistema.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os castigos fizeram parte do cenário educativo como ação pedagógica; eram empregados sempre que surgisse um comportamento considerado errado e aplicados como meio de punir o erro ou a falha na aprendizagem. A palmatória era um instrumento utilizado para penalizar o aluno tanto por seu “mau comportamento” quanto por sua possível falha nos estudos.

Os castigos eram aplicados e classificados de acordo com o grau do delito cometido: quanto maior fosse a causa, mais dolorosa a execução. A intensidade ou

o tipo de castigo estavam relacionados ao comportamento dos alunos, ao nível de desobediência e aos erros de aprendizagem.

As relações construídas entre professores e estudantes caracterizavam-se sob o viés da imposição. Sustentadas pelos castigos, acabaram gerando lembranças e sentimentos de medo, ansiedade, raiva, dor e até mesmo indiferença por parte dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. Práticas des castigos escolares: enlances históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, Caxias do Sul, RS, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana Wruck; KREUTZ, Lúcio. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura**, Caxias do Sul, RS, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1900>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FRANCO, Tasso. **Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia**. Salvador: EGBA; Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/37742506.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

NEVES, Josélia Gomes. O erro construtivo e o castigo na escola. **Revista Iberoamericana de Educacción**, Madrid, n. 35, p. 1-4, 2011. Disponível em: <www.rieoei.org/deloslectores/974Gomes.PDF>. Acesso em: 17 mar. 2018.

SANTOS, Gildenor Carneiro dos. **Religião, sociedade e educação: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (Ba) 1950-1992**. 2006. 295f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-392-7



9 788572 473927